

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | LIBERDADE

28 de Setembro de 2024

O SEGREDO / 2008

um filme de Edgar Feldman

Realização: Edgar Feldman *Imagem:* Gonçalo Roquette *Montagem:* Edgar Feldman, Gonçalo Roquette
Música: Hugo Novo *Misturas:* Valete de Paus *Com* António Dias Lourenço.

Produção: Tinta Invisível (Portugal, 2010) *Produtora:* Eduarda Manso *Cópia:* ficheiro digital, preto-e-branco e cor, 25 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**O Segredo é apresentado com A Fuga (“folha” distribuída em separado)
projectão seguida de conversa com Edgar Feldman e Luís Filipe Rocha**

Como é que era a vida aqui na prisão, António?

- A vida, qual vida?...

falas iniciais de *A Fuga*

“António Dias Lourenço é preso em 1949. Fica cinco anos detido. Foge na madrugada de 17 de Dezembro de 1954. Após oito anos em liberdade é novamente preso em 1962. E libertado em Abril de 1974.” É o texto do cartão final de *O Segredo*, a que sucede, em grande plano, a ficha da PIDE (gabinete técnico da secção central) do homem identificado com o nome António Dias Lourenço da Silva, pseudónimo João, nascido a 25/03/1915 na freguesia de Vila Franca de Xira. Aos dados manuscritos, incluídos a ascendência e o estado civil, acrescem duas provas fotográficas preto-e-branco e, a cor-de-rosa vivo o número dos negativos, 20.77. As duas provas ocupam o grande plano seguinte do filme de Edgar Feldman, o último antes do fundido a negro que dá lugar aos créditos: o homem fotografado de frente e de perfil tem uma expressão dura, os olhos baixos, olheiras, uma ruga de expressão entre as sobrancelhas, a boca ostensivamente cerrada, barba de uns dois dias, cabelo escuro cortado rente à cabeça com duas pronunciadas entradas. A altivez de quem sabe não querer dar a satisfação da quebra aos algozes.

Estas provas, vindas dos arquivos da PIDE – sigla para Polícia Nacional e de Defesa do Estado, como se chamou o ignominioso organismo entre 1945 e 1969, faz sempre sentido lembrar – são também reconhecíveis pelos espectadores de *48* de Susana Sousa Dias (2009), justamente concentrado num núcleo de fotografias de cadastro de prisioneiros políticos da ditadura portuguesa que manteve o Estado Novo durante quarenta e oito longos anos. Não se esquece, a expressão que António Dias Lourenço devolveu à câmara fotográfica dos agentes da PIDE, como aqui o vemos, como o vemos em *48*, imagem de um tempo tenebroso de tirania obscurantista, violência e tortura, sofrimento, resistência. É o mesmo e *outro* homem, o que *O Segredo* nos apresenta filmando-o de regresso Ao Forte de Peniche, onde outrora protagonizou a história da fuga mais espectacular e simbólica do século XX português – a fuga solitária, por mar, do histórico dirigente comunista, em Dezembro de 1954, da cadeia de alta-segurança de Peniche após um mês de castigo na cela-cubículo sem luz conhecida como “segredo” representa um legado extraordinário de coragem e combate pela

liberdade à repressão do Estado Novo. Feldman filma o testemunho de António Dias Lourenço, aos 94 anos, a partir de uma visita a esse mesmo espaço, muito recentemente transformado em Museu Nacional Resistência e Liberdade.

No embate do regresso a registar filmado em Peniche, são a preto-e-branco as imagens do velho António Dias Lourenço a percorrer, ágil, rampas, corredores, pátios, celas, o sítio onde foi fotografado na primeira vez em que ali pousou os pés, a costa atingida a nado para lá do muro da fortaleza, numa espécie de visita guiada que o mostra – quase sempre sozinho na imagem – a identificar lugares e memórias, porventura iludindo o peso de tal reencontro. Esse material (fora um breve plano a cores) contrasta com a cor em que é captada o mais canónico depoimento “em estúdio” ou o azul do mar com o qual o filme abre apontando às ondas e ao farol nocturnos. O som do mar é constante nos segmentos em Peniche, aliado à voz de Dias Lourenço. Também se escutam um tiro, ruídos dos ferrolhos que correm e batem, característicos das prisões. Alguns planos a preto-e-branco fundem com imagens fixas, com o filme a incorporar, na sua, a matéria fotográfica oficial dessa outra época.

Depois da incursão comentada no forte onde Dias Lourenço passou – soletra ele – um total de dezoito anos, catorze dos quais na mesma cela, *O Segredo* concentra-se no relato da fuga que engendrou socorrendo-se de uma faca, usada durante uns quinze dias para cortar a porta rectangular do cubículo solitário onde fora emparedado por castigo e ao qual voltaria para cumprir os dias interrompidos pela fuga quando, anos mais tarde, voltou como preso político. A narração desvenda pormenores da preparação, do aviso velado aos camaradas, da noite da fuga, dos trabalhadores do mar que no último momento o ajudaram respondendo à franqueza do apelo para uma boleia de autocarro rumo a Torres Vedras. Fora a pergunta inicial do interlocutor deixada em *off* – *Como é que era a vida aqui na prisão, António?* – *O Segredo* é um filme de uma só voz, a de António Dias Lourenço e é essa opção de fundo, política e civicamente justa, o seu mais decisivo elemento.

Maria João Madeira